desleituras
Número 1
Nov./dez. 2020

ALGUNS EQUÍVOCOS GRAMATICAIS

José Augusto Carvalho

Discutem-se aqui alguns problemas oriundos de lições de gramáticos normativos que os analisam seguindo uma tradição equivocada, sem atentar para a linguística ou para o próprio sistema linguístico. Muitas vezes, guiados pela tradição ou pelo exemplo de algum autor que logrou firmar certa jurisprudência em matéria de língua, alguns gramáticos conseguem expor lições que os falantes estudiosos acabam por aceitar como verdadeiras. Vale observar que a prática usual entre os gramáticos de se copiarem uns aos outros tem levado a formas "fantasmas", segundo denúncia de Mattoso Câmara Jr. (*Estrutura da língua portuguesa.* Petrópolis: Vozes, 1970, p. 85-6), ou à repetição de erros que acabam incorporando-se à língua como formas corretas, como, por exemplo, a conhecida forma "elefoa", feminino vicário de "elefante", que nasceu de um erro de imprensa de uma edição da *Grammatica descriptiva*, de Maximino Maciel, segundo denúncia de Mário R. Martins, citada por Luiz Autuori, na nota da p. 66 do livro *Nos garimpos da lingua-*

gem (7. ed.. rev. e atual. Rio de Janeiro: Record, 1976.). O próprio Mattoso Câmara Jr. teve uma afirmação sua copiada irrefletidamente por alguns gramáticos atuais. Em seu *Manual de expressão oral e escrita* (Rio de Janeiro: J. Ozon, 1961, p. 153), Mattoso Câmara diz que em expressões como "Hoje é 6", a concordância no singular é possível por considerarmos que se omite aí a palavra "dia": "Hoje é dia 6". Ocorre, no entanto, que, nas edições posteriores de seu livro, Mattoso Câmara suprimiu esse parágrafo ousado, o que não foi levado em conta pelos gramáticos que o copiaram. Uma consequência de certa forma danosa desse hábito de copiar autores alheios terá sido o problema da multiplicidade de formas para o feminino e plural dos nomes terminados em -ão. Vejamos alguns desses problemas.

1. **Tevê a cores / em cores** – Há gramáticos, entre os quais Napoleão Mendes de Almeida, que repudiam como erradas as expressões tevê a cores e tevê de cores, e recomendam apenas tevê em cores sob a alegação de que, no Brasil, não se diz tevê a preto e branco, mas apenas tevê em preto e branco. Na verdade, a expressão tevê em cores é menos vernácula do que tevê a cores, já que tevê em cores me parece um galicismo (Cf. *télé en couleurs*). Em Portugal, diz-se televisão a cores/a preto e branco. Ora, as preposições a, de e em, com frequência se podem intercambiar em várias expressões, sem que se possa afirmar que apenas uma seja a correta. Senão vejamos: fogão à lenha / de lenha; panela de pressão / à pressão; vestido de muitas cores / em muitas cores; barco de vela / à vela; navio de vapor / a vapor. O fato de não

se ouvir, no Brasil, televisão a preto e branco não significa que se trate de expressão condenável, mas apenas de um padrão não preferencial. A norma restringe o sistema. O sistema, por exemplo, permite que se diga à manhã, como se diz à tarde e à noite, mas a norma não permite (cf. de manhã, de tarde, de noite). O sistema aceita que o feminino de diretor seja tanto diretora quanto diretriz (cf. ator/atriz), mas a norma reservou diretriz para a metalinguagem da ciência, e reservou apenas diretora para o feminino de diretor. Da mesma forma, é a norma que não permite que se diga, por exemplo, televisão de cores, embora o sistema permita essa construção.

2. **Frei / frade** – Apócope é o nome que se dá à supressão de sons no final de um vocábulo. Assim, são apocopadas formas como cem (cento), grã/grão (grande), mui (muito), são (santo), etc. Muitas das formas apocopadas são proclíticas, isto é, só se usam antes de nome, por terem perdido a tonicidade própria. Assim, não se diz que fulano é grão, mas que fulano é grande. No entanto, dizemos grã-fino, grão-duque, Grã-Bretanha. Não dizemos que Francisco de Assis é são, mas dizemos "São Francisco de Assis é santo". Não dizemos que "amigo ele é mui", mas dizemos "mui amigo". Para mostrar o caráter átono de são (apócope de santo), basta atentarmos para a proximidade fônica entre São Tiago e Santiago. São, em São Tiago, soa como sílaba pré-tônica, como san, em Santiago. A palavra freire perdeu sua articulação integral e hoje só se usa a forma apocopada frei. Frei só se usa antes de nome, exatamente como são ou como mui: "Frei Galvão é um santo frade" e não "Frei Galvão

é um santo frei." O nome frade (que significa um padre de uma ordem, como frade franciscano ou frade beneditino) substituiu o nome freire, desaparecido em sua articulação integral. Da mesma forma, o feminino sóror, embora não seja forma apocopada, só se usa, como frei, antes de nome: frei José, sóror Helena. O feminino de freire é freira, mas, como freire não se usa mais, freira passou a ser feminino vicário de frade. Assim, temos: frade/freira; frei/sóror. Não se use, portanto, frei isoladamente, mas sempre seguido de nome, como, aliás, consta do Dicionário Houais, s.v..

3. **Sequer** – Os bons dicionários de língua, pelo menos até recentemente, davam para sequer o sentido de "ao menos, pelo menos", sem valor negativo, como neste exemplo de Camões: "Mova-vos já, sequer, riqueza tanta,/ Pois mover-vos não pode a Casa Santa!" (Os Lus. VII, 11; há outros exemplos camonianos, como em Os Lus. V, 71), ou como neste exemplo de Rui Barbosa: "Era, sequer, possível que assim não fosse?" (Réplica. Rio de Janeiro: Conselho Seccional do Rio de Janeiro da OAB / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980, p.7-8, vol. 2; há outros exemplos, nas páginas 297, 330 e 412 do vol 2, e na p. 22 do vol. 1). Um exemplo mais moderno de sequer (sem sentido negativo) está no prefácio do *Curso de Tupi Antigo* (Rio de Janeiro: São José, 1956) do Pe. Lemos Barbosa: "Este curso de Tupi Antigo pretende facilitar o conhecimento do idioma falado pelo grupo mais importante de índios do Brasil. Língua vulgar prevalente nos primeiros tempos da Colônia, falada na catequese e nas bandeiras, instrumento das conquistas espirituais

e territoriais da nossa história, o seu conhecimento, sequer superficial, faz parte da cultura nacional."

A tendência à utilização de sequer com sentido negativo, ao lado do sentido positivo tradicional, pode tornar ambíguas frases que não deveriam ser ambíguas, como no trecho seguinte, de Geir Campos, tirado do primeiro parágrafo do conto "O vestíbulo", que dá nome ao livro: "Não me lembro de haver querido entrar: eu vinha apenas passando, encostado ao muro, aproveitando a sombra dos edifícios. Sequer me ocorre o nome ou a posição daquela rua, ainda a tais horas tão cheia de gente que se comprimia (...)." (CAMPOS, Geir. *O vestíbulo*. São Paulo: Ática, 1979). Uma pergunta: no exemplo dado, o narrador se lembra ou não do nome ou da posição da rua? Para evitar ambiguidades desse tipo, o melhor mesmo é seguir a tradição da língua: utilizar sequer com valor de ao menos, pelo menos. Para que sequer tenha efetivamente o sentido negativo, o melhor é usar "nem" ou outra forma negativa antes: "Ele saiu e nem sequer se despediu. Ele não sabe sequer o meu nome."

4. **Pingue** – A sinestesia leva-nos às vezes a dar cores ou formas aos sons. Há um soneto famoso de Rimbaud em que ele subverte a sinestesia dando cores às vogais de maneira pouco usual: a negro, e branco, i vermelho, u verde, o azul. Um falante do francês ou do português daria de preferência a cor negra ao u (túmulo, catacumba, urubu, cru, etc.) e a cor clara ao a (clara, mar, bala, fala...). Se não me engano foi Paul Valéry, quem disse que a palavra jour ("dia") deveria designar a noite, por ser sombria, e nuit ("noite") é que deve-

ria designar o dia. Presume-se que "maluma" signifique algo gordo, além de fúnebre, ou que "taquete" signifique algo fino. Da mesma forma, é possível que a vogal tônica do adjetivo "pingue" leve a pensar tratar-se de algo fino ou pequeno. Daí o engano de um vereador ao reclamar melhores salários porque o que constava do seu contracheque era muito "pingue". Se o salário dele era pingue, não haveria por que reclamar. Afinal, pingue significa exatamente: gordo, farto, abundante! É necessário cuidado com o uso de certos nomes, cujo sentido pensamos saber. É o caso de um jornalista que chamou de "rastaquera" ao discurso de um político, pretendendo dizer que se tratava de algo óbvio e rasteiro. Rastaquera é nome que só se aplica a pessoas e designa o novo rico que exibe riqueza e ostenta luxo, ou, por extensão, o indivíduo rude, ignorante.

5. **À distância** – A expressão à distância é sempre com o acento grave, segundo lição com abundantes exemplos de bons escritores do sempre excelente Adriano da Gama Kury, no seu livro *Ortografia, pontuação, crase* (3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 110-112). Leiamo-lo: "Muitos gramáticos, sem levar em conta o uso bastante generalizado, querem que a locução à distância, quando indeterminada, se escreva sem acento: este só caberia, a seu ver, quando a locução viesse determinada, p. ex.: 'à distância de um metro', ou, como escreveu Machado de Assis, 'à distância de um fio de cambraia' (Brás Cubas, cap. CIII)." O autor lembra que à distância equivale a na distância (onde aparecem preposição e artigo): "Um relógio, na distância,

bateu dez horas." "Uma torre branca e aguda apontou na distância, furando o céu." (Exemplos, entre outros, apresentados pelo Autor.) Para Adriano da Gama Kury, as locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas no feminino têm o acento grave, mesmo que não haja crase. Expressões como: escrever à tinta (a lápis), comprar à vista (a prazo), matar à faca, à bala (a canivete, a tiro) são exemplos de acento grave em locuções femininas, sem crase. A crase é a fusão de duas vogais iguais. Não se deve confundir o acento grave com o fenômeno da fusão das duas vogais iguais. Pode haver, portanto, acento grave sem crase nas locuções femininas como: à baila, à beça, à exceção de (cf. com exceção de), à farta, à frente de (cf. em face de), à grande, à larga, à proporção que, à queima-roupa, à tarde (cf. de tarde), à traição, à unha, à vontade, às claras, às direitas, às escondidas, às ordens, às vezes (cf. por vezes; esp.: a veces), etc.

6. **Elas por elas** – A expressão elas por elas, variante de ela por ela, de curso em Portugal, é uma locução adverbial, como a bem classificou o *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire (Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, vol. III, s.v.: ela por ela). Isso significa que elas por elas não pode exercer função subjetiva, mas adverbial. O verbo não concorda com a expressão, como, aliás, registra o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*, de Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1951, s.v. ela), que originou o *Dicionário Aurélio* que, aliás, repete o exemplo: "Se mexer comigo, terá o troco: é elas por elas."

7. **Apreender** – Há uma tendência, na mídia, a usar o verbo apreender para pessoas: o menor foi apreendido, os bandidos foram apreendidos, etc. O verbo apreender significa: a) assimilar, captar (Foi difícil apreender o sentido daquelas palavras.); b) fazer apreensão de, pegar (Apreendeu-lhe os cigarros para que não fumasse.); c) sentir preocupação, inquietar-se – sentido figurado pouco usual (Sua alma apreendia-se com aqueles maus pressentimentos.); d) tomar posse por direito, confiscar (A polícia apreendeu o contrabando de cocaína). Os significados e os exemplos entre parênteses são retirados do verbete apreender, do *Dicionário Houaiss*. Embora apreender possa ser sinônimo de prender (como está no Aurélio), não é usado para pessoas. Soa estranho que um menor seja apreendido e não preso ou detido, como se fora mercadoria... Infelizmente, a expressão equivocada está na lei, e as leis nem sempre são feitas por quem conhece bem a língua...

8. **Gols** – O *Dicionário Houaiss*, no verbete gol, registra o plural gols como "barbarismo consagrado pelo uso" e ensina que os plurais adequados devam ser goles e gois, com a vogal tônica fechada. Ora, todos os vocábulos oxítonos do português atual terminados em –ol têm a vogal tônica aberta: anzol, lençol, futebol, sol, terçol, atol, etc. Seus plurais, sem exceção, têm a vogal tônica também aberta: anzóis, lençóis, futebóis, sóis, terçóis, atóis, etc. Ora, gol tem a vogal fechada, constituindo-se numa exceção, o que nos leva a crer que se trata do inglês goal com a ortografia portuguesa. O plural gols não é um barbarismo, mas o próprio vocábulo inglês grafica-

mente adaptado. A forma rol ("lista") origina-se possivelmente do francês rôle, com a tônica fechada. A vogal aberta de rol é um atestado da perfeita incorporação do empréstimo aos padrões fonológicos do português. O plural gois, com a vogal fechada, é que seria um barbarismo, uma forma hipotética, jamais usada ou documentada. O plural adequado deveria ser golos (cf. bolo/bolos, rolo/rolos), de curso em Portugal, e não goles (com a vogal tônica fechada),como sugere o *Dicionário Houaiss*.

9. **Seu** – A forma seu, antes de nome próprio (Seu José) ou de xingamento (seu bobo) não é um emprego diferente do possessivo, como sugerem alguns gramáticos, mas uma das muitas formas de senhor. Seu é forma átona, usada em posição proclítica, resultante da ditongação da forma tônica seô, substituída por siô, mas encontradiça em castelhano: seô, segundo Antenor Nascentes (O tratamento de "Senhor", no Brasil. *Revista de Cultura*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 128, 1937, p.69). Seô, por sua vez, seria resultante de senhor, por um processo de desnasalização e despalatalização, com apócope do –r final. De siô proveio siá, assim como de sinhô proveio sinhá. A forma equivalente a sô e seu é sá. Sua, em expressões como sua boba, sua atrevida, e equivalentes (nunca, contudo, antes de nome próprio), é fruto da analogia com o possessivo. Celso Cunha, em sua *Gramática do português contemporâneo* (Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970, p. 41 e 211), não considera, com justa razão, que seu (= senhor) seja extensão do emprego do possessivo, mas uma das muitas formas de senhor. A explicação, portanto, é a seguinte: senhor da-

ria seô; seô, por hiperbibasmo (deslocamento do acento tônico), daria sêo, que se teria ditongado em seu. O feminino sua se faria por analogia com o possessivo. A forma siô, oriunda de seô, originaria sô. O feminino sá se formaria a partir de sô.

10. **Obséquio** – O grafema < s > depois de < b > tem sempre o som de /s/, como em observar, subsídio, absorver, subsolo, subsistência, etc. A pronúncia viciosa de subsistência, com o < s > soando /z/, parece-me analogia com existência, em que o < x > tem o valor de /z/, mas a pronúncia /subzídyu/ por /subsídyu/ não me parece ter nenhuma justificativa, apesar de generalizar-se gradualmente, sobretudo nos meios jurídicos, políticos e econômicos. Há um vocábulo, contudo, em que o < s > após o < b > soa corretamente /z/: obséquio. Por quê? *Obsèque*, em francês, aparece documentado no singular a partir de 1160. No plural, documenta-se em 1398, segundo Albert Dauzat et alii (*Nouveau dictionnaire étymologique et historique*. Paris: Larousse, 1964, s.v. *obsèques.*), com o sentido de "serviço fúnebre", mas continuou sendo usado no singular até o séc.. XVI, quando apenas a forma plural permaneceu. No plural, *obsèques* se origina de *obsequiae*, alteração do latim clássico *exsequiae*, por cruzamento com obsequia ("cortejo"), plural neutro de obsequium ("serviço"), do verbo obsequi ("ceder a, obedecer"), composto de sequi (seguir), segundo Bloch & Wartburg (*Dictionnaire étymologique de la langue française.* 6. ed. Paris: Presses Universitaries de France, 1975, s.v. obsèques). Tudo leva a crer, portanto, que a pronúncia de obséquio (em que o < s > soa /z/) se deva a um cru-

zamento com exéquias, em que o < x > soa /z/. Repare-se que o português antigo obséquias tem o mesmo sentido de exéquias: cerimônia fúnebre.

11. **Qualquer** – O indefinido qualquer, quando precedido de artigo indefinido ou posposto ao nome, tem um sentido pejorativo: Ele é um (homem) qualquer. Há atualmente uma tendência generalizada a usar qualquer como sinônimo de nenhum, em frases negativas. Qualquer não é sinônimo de nenhum. Em frases negativas, seu sentido pode ser interpretado como positivo, de exceção: Não tive qualquer participação no caso = minha participação existiu, mas foi especial, não foi uma qualquer. Não tenho qualquer dúvida = tenho dúvida, mas minha dúvida é especial, não uma qualquer. O ideal é evitar o emprego de qualquer com o sentido de nenhum.

12. **Colocação pronominal** – Há uma tendência atual de ensinar a ênclise em orações subordinadas, quando há pausa entre a conjunção subordinativa (ou o pronome relativo) e o verbo. Parece que essa lição se originou a possibilidade de haver ênclise mesmo após um item que exigiria a próclise, quando existe pausa entre o termo que atrai o pronome e o verbo da oração. Mas essa regra, consensual entre os gramáticos, só se aplica a períodos simples ou a orações coordenadas, em que a coordenação não se faça entre subordinadas. É o que dizem Celso Cunha e Lindley Cintra, em sua *Nova gramática do português contemporâneo* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 304): "Observe-se por fim que, sempre que houver pausa entre um elemento capaz de provocar a PRÓCLISE e o verbo, pode ocorrer a ÊNCLISE:

'Pouco depois, detiveram-se de novo' (Ferreira de Castro)." Mas essa lição refere-se a períodos com um único verbo. Ao referirem-se às orações subordinadas, com um único verbo ou com perífrase verbal, esses dois autores são taxativos, quando dizem que se usa obrigatoriamente a próclise "nas orações subordinadas desenvolvidas, inclusive quando a conjunção está oculta: "O sufrágio que me vai dar será para mim uma consagração" (E. da Cunha).(Id. Ib. p. 306). Quando expõe o critério de que não se pospõe o pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada, Evanildo Bechara observa que, às vezes, pode ocorrer a ênclise quando há pausa entes do verbo, mas esclarece que são "esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele [do critério exposto] se afastam (BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, p. 589). Rocha Lima, em sua *Gramática normativa da língua portuguesa* (15.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, p. 418), diz que é obrigatória a próclise nas orações subordinadas, haja ou não pausa entre o termo subordinativo e o verbo da oração, mesmo que a conjunção não esteja expressa: 'Espero (que) me atendas sem demora."

Desviam-se, portanto, da norma culta gramáticos e professores que usam a ênclise em oração subordinada, mesmo que haja pausa entre o verbo e o elemento subordinativo.